



Colégio Pedro II

Departamento de Desenho e Artes Visuais / DAV

Apostila de Artes Visuais para a 1^A Série do Ensino Médio
Elaboração: equipes de Artes Visuais / Unidades Centro e São Cristóvão III
Org. profa. Greice Cohn¹

ARTE CONTEMPORÂNEA

ORIGENS, PROPOSTAS, CARACTERÍSTICAS E NOVAS LINGUAGENS

Revisando conceitos:

1. ACADEMICISMO

O termo academicismo está ligado à existência das academias e da arte que foi produzida naquelas instituições. A primeira academia de arte foi a Academia de Desenho de Florença, criada em 1562, na Itália. Outras Academias surgiram depois em Roma e em Paris. As Academias instituem um ensino de arte « padronizado » baseado sobretudo nas aulas de desenho de observação, ou seja, a cópia do natural, no desenho de cópias de gesso de esculturas greco-romanas, integrando estudos de ciências como a geometria, anatomia e perspectiva, e de humanidades (história e filosofia). Com a academia o artista passa a ser mais valorizado. Rompe-se definitivamente com uma visão de arte como artesanato, o que acarreta uma mudança radical no seu status. Os artistas não são mais os artesãos medievais, mas sim teóricos e intelectuais. Além das atividades de ensino, as Academias vão ser responsáveis pela organização de exposições, concursos, prêmios, pinacotecas e coleções, o que significa o controle da atividade artística e a fixação rígida dos padrões de gosto baseados em um ideal de beleza que se firmou no período renascentista, que por sua vez, baseou-se nos padrões de beleza da Grécia antiga.

Arte Acadêmica é, então, a designação de um tipo de arte que corresponde aos princípios baseados na arte clássica, onde a beleza, a proporção, a unicidade, a harmonia e a semelhança com o real visível predominam. Este tipo de arte se impõe até o final do século XIX, quando os grandes artistas impressionistas e expressionistas, buscaram canais alternativos para mostrar suas obras, que traziam novas propostas filosóficas e estéticas e, portanto, enfrentavam grande resistência dos críticos de arte.

¹ Material pedagógico organizado no âmbito do projeto de D.E. intitulado “Elaboração de material pedagógico”

No Brasil, a origem da Arte Acadêmica está ligada ao aparecimento da Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 1826, nos moldes da Academia francesa de Belas Artes. As academias mantinham uma estreita relação com o poder político, sendo financiadas pelos monarcas, o que lhes conferia, de certa forma, certa ditadura estética. Esta chancela oficial das academias, associada à defesa intransigente de certos ideais artísticos e padrões de gosto – definidos por prêmios e concursos como os Salões de Belas Artes - trazia consigo a recusa a mudanças, e a outras formas e concepções de arte que não aquela, reforçando o caráter conservador do academicismo.

Caracterizam a arte tradicional ou acadêmica:

1.O naturalismo: a construção de imagens que pareçam reais, que pareçam « fotografias » (lembrem-se que a fotografia propriamente dita só entrou no cenário no início do século XIX, mais precisamente em 1825) mostrando o virtuosismo do artista através da sua capacidade de representação dos objetos e cenas exatamente como eles são.

2.Obediência a regras de composição, utilização da perspectiva (profundidade), de recursos de claro/escuro (luz e sombra), busca da perfeição e da beleza.

3.Pinturas feitas dentro dos ateliês dos artistas.

4.Temas utilizados: cenas religiosas, paisagens, cenas mitológicas (greco-romanas), cenas heróicas (guerras e batalhas), cenas domésticas, retratos.

2. ARTE MODERNA

Com a descoberta da fotografia, no século XIX, libertos da função de “retratar” o mundo real, vários artistas começaram a ter novos interesses no campo das artes plásticas. Precusores da Arte Moderna, os pintores impressionistas têm a mesma preocupação que os fotógrafos: a luz. Os expressionistas começam a usar a cor livremente. Artistas saem dos seus ateliês para pintar o mundo ao ar livre, recusando as regras acadêmicas. O mundo está mudando e a arte também, sinalizando os caminhos para a Arte Moderna.

Características da Arte Moderna:

- O rompimento com os temas tradicionais da arte acadêmica, a concentração nas questões formais e o abandono da proposta de reproduzir a realidade, resultam em pesquisas estéticas e filosóficas que levam ao surgimento de vários movimentos ou correntes artísticas – os “ismos”: Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Expressionismo, Abstracionismo, Dadaísmo, Surrealismo, Construtivismo.

- A recusa de se representar ilusionisticamente um espaço tridimensional sobre um suporte plano, modificando-se e/ou abolindo-se a perspectiva e a profundidade vão inaugurar o espaço moderno na pintura, um espaço que prioriza o plano, que compõe a superfície da tela. O *Cubismo* contribui para esta nova construção do espaço pictórico.

- As descobertas científicas e a psicanálise abrem caminho para novas atitudes na produção artística. O *Surrealismo* com seu caráter onírico dá vazão a estas novas atitudes.

- A distorção e/ou a geometrização das formas estão presentes no Cubismo, no Abstracionismo e nas obras expressionistas, estilizando as formas tradicionais.
- A valorização dos elementos visuais (cor, luz, ponto, linha, plano) leva o artista a se concentrar na construção do espaço, das formas e das sensações visuais através das composições abstratas geométricas ou não-geométricas (informais). Os próprios elementos visuais e as questões formais passam a ser o assunto da obra.
- Nas pinturas figurativas (onde reconhecemos imagens da realidade) os temas se atualizam, refletindo o cotidiano da época, são pintados com liberdade, com livres usos da cor e do espaço, rompendo com a tradição acadêmica. Não há mais o compromisso com a beleza, mas sim com a liberdade de criação e expressão do artista.
- Apropriação de vários materiais e de várias técnicas artísticas em uma mesma obra (pintura, colagem e *assemblage*, ou colagem de objetos). O artista começa a se apropriar de objetos do cotidiano, buscando novos materiais e idéias para construir suas obras. Questiona-se o tradicional papel da arte e do artista na sociedade e o *Dadaísmo*, como movimento moderno, é o grande precursor da arte contemporânea.

Através de todos estes “ismos”, a arte Moderna provoca o público e o chama à participação, propondo uma interação maior entre este e a obra de arte, e convoca, com sua subjetividade, um novo olhar para esta. Segundo Apollinaire “... as obras dos artistas devem apresentar simultaneamente um prazer estético puro, uma construção que atinja os sentidos e uma significação sublime, quer dizer, o conteúdo. É a arte pura”. Podemos dizer que a Arte Moderna é um movimento onde o como dizer passa a preocupar os artistas tanto quanto ou mais do que o que dizer.

É a forma que se assume como conteúdo.

3. MOVIMENTOS QUE INFLUENCIARAM A ARTE CONTEMPORÂNEA

1- DADAÍSMO

Dentre os movimentos propostos pelo Modernismo, podemos destacar o Dadaísmo como especialmente provocador. No movimento dadaísta Marcel Duchamp dá um passo à frente de seu tempo, construindo alguns alicerces para o movimento de arte que surgiria a partir deste: a Arte Contemporânea. Observe e reflita sobre estes pensamentos de Duchamp:

“(...) era necessário achar algo que não fosse nada belo, agradável ou feio”(...)

“a arte é uma espécie de encontro... um encontro com ninguém cuja finalidade é a não contemplação”.

“É a beleza da indiferença, essa é a liberdade; entronizar uma ninharia e, uma vez em seu trono, negá-la e negar-se a si mesmo”.

Em 1913 o artista francês Marcel Duchamp inventou o termo *ready-made* (já pronto) para nomear os objetos que ele escolhia e designava como obra de arte.



Roda de bicicleta (1913) consiste em uma roda de bicicleta montada sobre um banco. Duchamp declara que simplesmente colocou uma roda de bicicleta sobre um banco e ficou olhando-a girar. Assim a idéia de - movimento estava implícita no *ready-made*. “E depois vieram os *ready-made* sem movimento”.

Fonte (1916) é um mictório de banheiro masculino assinado com o pseudônimo de “R. Mutt”.

Com os *ready-made*, Duchamp provocava o observador e questionava vários aspectos que definiam a Arte e o seu valor: a idéia de obra de arte única, a figura do artista como um gênio iluminado, o conceito de beleza como um pressuposto para a obra, a noção de obra como um objeto produzido manualmente com técnicas específicas. Duchamp diz que “queria se afastar do ato físico de pintar”. Declarou ainda, que “dependia da linguagem verbal para completar o sentido do seu trabalho”, usando a ironia para batizar suas obras, como no caso da sua *Fonte*. Como ele mesmo disse: “Para mim o título da obra era o mais importante [...] eu estava interessado em idéias e não em produtos meramente visuais. Eu queria colocar a arte mais uma vez a serviço da mente”. Dizia ainda que queria uma arte cerebral e não retiniana (aquela que requer apenas contemplação). Desta forma, vinculou sua arte com a questão intelectual e teórica. O radicalismo de Duchamp era racional, elaborado. Duchamp traz para o terreno da arte, o objeto, que segundo Roland Barthes, “é a assinatura do homem no mundo”. Duchamp entroniza o objeto no pedestal da arte, se apropria dele e o descontextualiza, questionando o próprio pedestal. O crítico de arte Aguinaldo Farias afirma que

“[...] mantemos uma relação seca com os objetos, rotineira, em função da sua ubiqüidade, o ar doméstico de alguns. Quando então, à maneira de um trocadilho – jogo que Duchamp tanto gostava -, o doméstico passa a demoníaco, colocado em outro contexto, insurgente à sintaxe, ou visto com vagar, o objeto já é outro: obstáculo, corpo estranho”.

Operação decisiva para a arte moderna e para a arte contemporânea, a apropriação dos objetos do cotidiano tornou-se um dispositivo emblemático no processo de rompimento com o espaço herdado do Renascimento ao indagar por que o artista deveria continuar *representando* ou *simulando* os objetos se ele os tinha à mão.

Por essas idéias e por suas obras, Marcel Duchamp foi considerado o grande precursor da Arte Contemporânea, especialmente da Arte Conceitual, tendo aderido ao dadaísmo e tornando-se o artista mais importante deste movimento.

O movimento artístico DADÁ surgiu no ano de 1916 por iniciativa de um grupo de artistas que, descrente de uma sociedade que consideravam responsável pelos estragos da Primeira Guerra Mundial, decidiu romper deliberadamente com todos os valores e princípios estabelecidos por ela anteriormente, inclusive os artísticos. A própria palavra DADÁ não tem outro significado senão a própria falta de

significado, sendo um exemplo da essência desse movimento iconoclasta, que propunha esta *anti-arte*. O *Dadaísmo* foi uma crítica irônica à aposta da civilização ocidental moderna na superioridade da razão e na noção de progresso. Para os dadaístas, naquela Europa caótica na qual viviam não cabia nenhuma ação “artística” convencional, mas somente atos que propusessem novos conceitos, uma nova arte, novas formas de expressão.

O principal foco de difusão desta nova corrente artística foi o Café Voltaire, fundado na cidade de Zurique pelo poeta Hugo Ball e ao qual se uniram os artistas Hans Arp e Marcel Janco e o poeta romeno Tristan Tzara. Suas atuações provocativas e a publicação de inúmeros manifestos fizeram que o dadaísmo logo ficasse conhecido em toda a Europa, obtendo a adesão de artistas de fora da Europa como Francis Picabia e Man Ray.

A palavra *Dada* pode ter vários significados dependendo da língua. Uma das versões sobre a origem do nome conta que o poeta Tristan Tzara, em 1916, abriu um dicionário e apontou para uma palavra aleatoriamente. Esta palavra era *dada*. Este fato chama atenção para uma das questões mais fundamentais do Dadaísmo que é a disposição de incorporar o acaso aos trabalhos propostos, pois para eles a arte faz parte da vida e na vida as coisas simplesmente acontecem, casualmente.

Não se deve estranhar o fato de artistas plásticos e poetas trabalharem juntos – o dadaísmo propunha uma atuação interdisciplinar como a única maneira possível de se renovar a linguagem criativa, incorporando, inclusive, elementos cenográficos e teatrais nos “espetáculos” dadaístas, nas apresentações e performances dos artistas. Como movimento artístico moderno, o dadaísmo foi uma exceção, por estar dezenas de anos à frente do seu tempo.

A Colagem Como Linguagem Artística

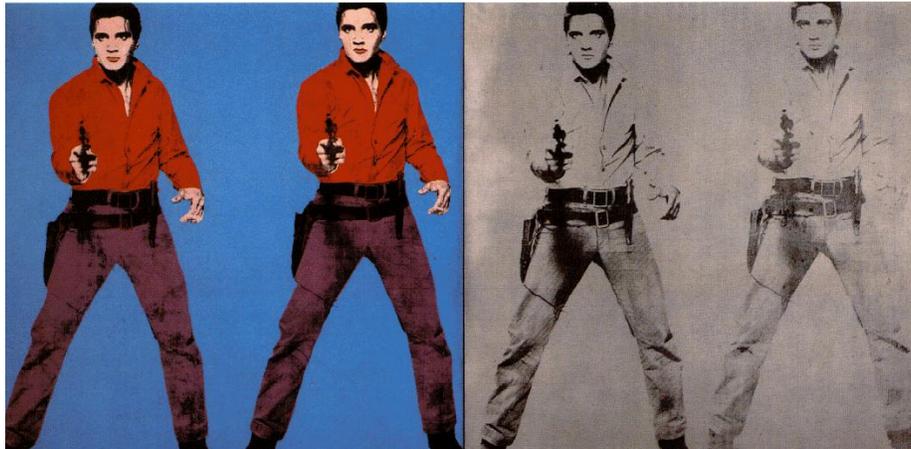
Os artistas do movimento cubista como Pablo Picasso e George Braque foram os primeiros artistas a utilizarem pedaços de papel, de tecidos, de forros de cadeiras, e outros materiais colados nas telas. Eles buscavam as texturas, formas e cores destes elementos para enriquecer visualmente seus trabalhos com uma preocupação formal e estética. Os dadaístas, no entanto, são os primeiros artistas que utilizam a colagem como linguagem, ou seja, que realizam trabalhos elaborados exclusivamente com colagens. Alguns deles incorporam textos manuscritos sobre o suporte da colagem. Ou seja, a colagem é o trabalho e não um fragmento ou parte dele.

Dentro desta linguagem artística encontraremos, no dadaísmo, as seguintes possibilidades:

1. Colagem de papéis coloridos cortados, onde o artista recortava papéis e arrumava as formas jogadas aleatoriamente em cima do suporte. Ou seja, colagem de papéis recortados e organizados ao acaso.
2. Colagem de palavras recortadas e retiradas aleatoriamente de um saco: Poesia dadaísta aleatória a partir de recorte e colagem.
3. Fotomontagem: recorte e colagem de imagens de revistas e de propagandas, ou seja, montagem de fragmentos de fotografias (técnica muito utilizada pelos surrealistas).
4. Colagem de frases retiradas de jornais, revistas e propagandas.
5. Colagem de frases impressas e de imagens impressas.
6. Colagem em relevo ou tridimensional com materiais variados, objetos e fragmentos de objetos (assemblages)

"Não é o Dadá que é absurdo - mas a essência da nossa era que é absurda." Os Dadaístas

2- POP ART



“Elvis I e II”, Andy Warhol

Tudo o que vimos em História da Arte no Ensino Fundamental surgiu na Europa. No entanto, após a segunda-guerra mundial, o centro financeiro do mundo se desloca para os Estados Unidos. O mesmo aconteceu com a arte. Vários países estavam se recuperando das conseqüências da 2ª guerra mundial, que havia arrasado a Europa, deixando-a em ruínas. Artistas de vanguarda, filósofos, intelectuais europeus migraram para os EUA fugindo da guerra e lá continuaram a produzir conhecimento.

O Pop Art surgiu na Inglaterra em meados dos anos 50, mas foi nos Estados Unidos, no começo dos anos 60 que ele se popularizou, tendo como assunto os objetos de consumo da sociedade. A Arte Pop é considerado o primeiro movimento contemporâneo.

De uma certa forma, o Pop Art surge como uma reação às obras de artes abstratas construtivas (abstracionismo geométrico) e ao expressionismo abstrato (abstracionismo informal), que tinha se popularizado no campo das artes plásticas naquela época. Os artistas do POP ART buscavam novamente a figuração. O tema das obras Pop eram as imagens do dia a dia da sociedade de consumo: “a arte elitista decaiu até os bastidores do cotidiano, enquanto os fenômenos ‘subculturais’ se tornam apresentáveis”. A inspiração Pop vinha dos produtos industriais da sociedade da época. Objetos das indústrias de consumo (vestiário, alimentação, eletrodomésticos, automotivos, etc.) e também dos produtos culturais: cinema, história em quadrinhos, informação, ou seja, a vida urbana, trazendo para dentro das galerias de arte o comum, o “brega”, o popular (daí o nome POP, que em inglês significa também refrigerante).

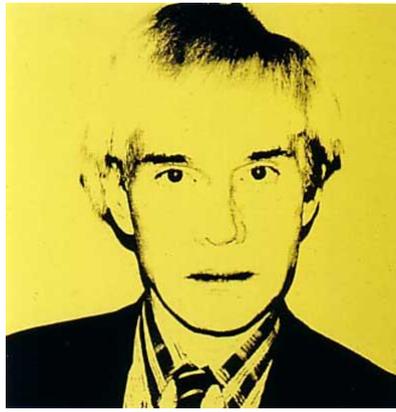
Entre os principais artistas do movimento POP ART encontramos Andy Warhol. Filho de imigrantes tchecos, Warhol passou sua infância em Pittsburg, rodeado da cultura tcheca com suas Babuskas, a comida típica e o idioma tcheco. Sua mãe pouco falava o inglês. Seu pai trabalhou nas minas e morreu cedo, deixando a família passando necessidades. Muito jovem Warhol trabalhou em uma loja onde, fora do gueto cultural em que vivia, travou seu primeiro contato com o consumo americano. Warhol viu a cultura americana com os olhos fascinados de um imigrante estrangeiro.

Andy Warhol teve sua formação nas Artes Visuais inicialmente como decorador de vitrines. Depois estudou artes em Pittsburg e em 1949 se mudou para Nova York, onde fez sua carreira artística. A serigrafia foi seu principal meio de expressão plástica. Ele se interessava pela multiplicidade e, principalmente, pela reprodutibilidade de uma imagem. A gravura não é uma obra de arte única, pelo contrário, é feita em série. Dessa forma ele questionava a “aura” da obra de arte única. Ele não a fazia

sozinho. Ao invés de um atelier, Warhol dizia ter uma fábrica (“factory”) com 18 trabalhadores, que faziam as telas para serigrafia e imprimiam as gravuras a partir de suas idéias. Assim, Warhol repensava a questão da autoria da obra de arte e do trabalho artesanal do artista. É importante notar que as gravuras não eram perfeitas. Havia com frequência borrões de tinta de impressão, como a reprodução de baixa qualidade de fotos de jornal.



Andy Warhol *Marilyn*, 1962



Andy Warhol, *auto-retrato*



Lata de sopa Campbell's I, Warhol, Col. Ludwig, Neue Galerie, Aachen

Andy Warhol entendeu como ninguém o funcionamento dos meios de comunicação de massa (Massmedia). É de sua autoria a frase e que “todo mundo deveria ter o direito de ficar famoso por 15 minutos”. Mais uma vez ele fala da superficialidade e da transitoriedade das coisas e antevê o que aconteceria de fato com a relação das pessoas com a mídia e a produção instantânea de celebridades (um exemplo grosseiro disso se dá no programa Big Brother).

Warhol era, ele próprio, um pop star. Excêntrico com sua peruca branca, dizia que raramente artistas plásticos ficaram famosos, com exceção de Picasso, Salvador Dali e, é claro, ele próprio. De acordo com a ideologia de ascensão social americana do “self-made man” (aquele que se faz sozinho) ele se autodenominava um “business artist” (ao invés de um homem de negócios, um “artista de negócios”), já que nasceu pobre e enriqueceu aproveitando as oportunidades do mundo capitalista, em oposição à estagnação social do mundo comunista de onde vinham seus pais. (Vale à pena lembrar que o mundo vivia, neste momento, a guerra fria.) Warhol se dizia provocador, que a qualidade de um artista se media pelo dinheiro que ele obtinha com sua arte. Essas afirmativas seriam, no mínimo, constrangedoras para um outro artista qualquer.

Andy Warhol sintetizava o espírito do Pop Art americano, que foi crítico enquanto chamou a atenção para a frivolidade da sociedade de consumo e foi acrítico quando aceitou, e até venerou esta realidade. Segundo Osterworld, “a idéia de Warhol não era apenas fazer do banal e do vulgar a substância da arte, mas de tornar a própria arte banal e vulgar. Não se contenta em transpor para a arte dados mediáticos ou industriais, a arte em si torna-se um produto mediático e industrial. Warhol inverte as noções de elevação e “baixeza”.

Os grandes formatos também são típicos das obras do POP ART. Quando superdimensiona objetos de uso diário, o artista pop monumentaliza a banalidade da vida urbana, que tem tanto significado e profundidade quando um imenso hambúrguer de Claes Oldenburg, outro artista que se destacou dentro do movimento.



Claes Oldenburg *Floor burger* 1962



Oldenburg, *Pregador de roupa*



Claes Oldenburg *Patisserie e bolo*

Outro artista importante deste movimento foi Roy Lichtenstein. Nascido em Nova York em 1923, Lichtenstein é pintor, gravador e escultor. Estudou arte na Universidade de Ohio e ficou conhecido por ampliar, em suas pinturas a óleo e em tinta acrílica as características de anúncios comerciais e das imagens de histórias em quadrinhos, reproduzindo, à mão e com fidelidade, os procedimentos gráficos em suas criações. São imagens de grande dimensão, nas quais o artista deixa visível a retícula do off-set (processo de impressão). Mais uma vez imagens da sociedade de consumo são trabalhadas enquanto arte. O quadrinho era tido como literatura de baixa qualidade (ainda hoje existe este pensamento). Trazer estas imagens para ao meio artístico significava, na época, uma transgressão de valores.



Roy Lichtenstein, *Maybe* - 1963



Roy Lichtenstein, *Whamm*

4. OS REFLEXOS DE DUCHAMP E DO POP ART NO BRASIL

Na arte brasileira, o interesse por construir obras a partir da apropriação de objetos do cotidiano data sobretudo dos anos 1960, seja pela 'redescoberta' mundial da produção de Marcel Duchamp, seja pela influência direta do Pop Art americano, que trazia em seu repertório objetos de consumo banais. Daí em diante a distinção entre o 'mundo cotidiano' e o da 'arte' parece um terreno maleável e movediço. Mas é preciso que entendamos que a apropriação é uma postura de resistência contra aquilo visto como ligado

às instituições conservadoras, tais como convenções de um modo tradicional de se entender a arte, a pintura de cavalete, a escultura como estátua, entre outras.

O Pop Art chegou no Brasil, segundo Rafael Cardoso, “alguns anos depois da Coca-Cola, no encalço de outro produto de exportação da Guerra Fria, a ditadura militar”. Segundo este autor, as exposições Opinião 65 (Rio de Janeiro) e Propostas 65 (São Paulo) ajudaram a renovar as vanguardas artísticas do país, revelando nomes como Antonio Dias, Carlos Vergara, Rubens Gerchman, Waldemar Cordeiro, entre outros. Estes artistas mudam a postura da intelectualidade da época frente à ordem e o rigor da arte vigente: “a rigidez geométrica e a fria racionalidade das tendências construtivas (abstracionismo geométrico) deram lugar a uma nova preocupação com a liberdade e o erotismo, com a brasilidade e o popular, com a rebeldia contra toda e qualquer forma de repressão”. Ao contrário dos artistas americanos que celebraram ironicamente os símbolos da sociedade de consumo e do capitalismo, o espírito pop no Brasil foi alimentado por um compromisso político profundo, pela denúncia e pelo questionamento. “Se o Brasil não viveu da mesma forma a Guerra Fria, teve, porém sua guerra suja, o que talvez explique a reticência da maioria dos artistas citados de se filiar abertamente a um movimento tão identificado com a cultura norte-americana”. Mesmo recusando-se a serem chamados de Pop, é inegável a identidade visual do movimento na obra dos artistas brasileiros das vanguardas dos anos 60, que aconteceu numa época de totalitarismo, censura e violação aos direitos humanos.



Rubens Gerchman
Não há vagas,
1965

Cláudio Tozzi
Eu bebo chopp,
ela pensa em
casamento, 1968



Nos aproximando mais da atualidade, artistas como Jorge Barrão, que trabalha com eletrodomésticos, ou Marcos Cardoso e suas guimbas de cigarro, ou ainda Farnese de Andrade com os objetos em madeira e brinquedos, garimpam ‘coisas’ da vida cotidiana, que muitas vezes iriam para o lixo, fazendo com elas arte da melhor qualidade poética, a partir do momento que eles re-significam essas coisas em suas obras. Você pode imaginar como deve ser os ateliês destes artistas? Eles se tornam um observatório permanente do cotidiano, um depósito de coisas que, aos olhos destes colecionadores de curiosidades e arqueólogos do contemporâneo, vão ganhando novos significados.

Na história da arte do século XX não existem limites para as transformações de coisas banais e cotidianas em arte, nem para o exercício da imaginação. Vivemos numa era de coisas descartáveis, de consumo rápido, e na mesma velocidade entramos em desencantamento, tédio, e logo procuramos um novo modelo do mesmo produto. Por outro lado, nos apegamos às coisas que permanecem mais tempo nas nossas vidas: elas passam por uma metamorfose afetiva. ‘Vou levar meu tênis velho’ – preferimos muitas vezes porque dá sorte! Essas relações com um *coisário* íntimo fazem parte de nossa história e identidade. Mas existem outras coisas em que nunca prestamos atenção. Coisas anônimas ou de ninguém que os artistas resolvem ‘reanimar’ para uma nova vida de significados – como arte. Uma reanimação que, sem dúvida, nos proporciona um novo olhar sobre as coisas que nos cercam.

5. ARTE CONTEMPORÂNEA

É a arte do nosso tempo. Marcada pela quebra de padrões, pela liberdade total de criar, representar e propor situações e também pela pesquisa e uso das novas tecnologias (vídeo, holografia, som, computador, etc.). A arte contemporânea se aproxima da vida, nela, tudo pode ser incorporado, o espectador é provocado e convidado às mais variadas reflexões sobre a arte e sobre a vida. A arte se integra à própria vida. Beleza, feiúra, ironia, política, percepções, sensações, sucata, lixo, e até o próprio corpo, tudo pode ser material artístico. Ainda na década de 60 surge a Arte Conceitual, cuja arte passa a questionar a própria função da arte. O suporte da arte passa a ser a idéia, o conceito. Em oposição à arte conceitual, na Arte Formal (principalmente a abstração geométrica) os artistas aprofundam as pesquisas dos elementos visuais iniciadas pelos pintores modernos. A arte é plural e permite uma multiplicidade nunca antes vista neste campo. As instalações imperam nas exposições contemporâneas. A arte não precisa mais ser eterna, nem é feita para perdurar. O efêmero, o momento, a passagem do tempo marcam boa parte das obras contemporâneas.

A pesquisa e o uso de materiais variados e inusitados estão presentes nas obras. Na Arte Contemporânea há exploração de todos os sentidos, não só da visão, mas também o tato, paladar e audição, exigindo do público, muitas vezes, uma participação ativa para que a obra se realize.

Mudaram os tempos, mudou a arte e sua função. Não esqueçamos que a arte é histórica, e cada vez mais, política e provocativa; porém sempre original e criativa.

Vejamos alguns conceitos que se transformam na arte da contemporaneidade, no que diz respeito:

1- Ao público

Na Arte contemporânea, o espectador deixa de ser um contemplador passivo do estético, para se tornar um agente participante, um leitor ativo de mensagens. Muitas vezes a obra só se realiza na sua presença e com a sua participação.

Sensibilizar o espectador é, então, menos importante do que fazê-lo refletir.

2- Ao artista

Este, além de ser um criador, passa a ser um propositor de idéias e/ou experiências, um manipulador de signos.

3- À originalidade e a autoria

A apropriação de objetos do cotidiano questiona o conceito de originalidade.

A terceirização de etapas de construção da obra questiona o conceito de autoria.

4- Às relações entre as obras e o tempo

Obras efêmeras são criadas, fazendo-nos pensar sobre o conceito de *obra-prima*, que “dura para sempre”.

Obras que se consomem no tempo, como as *performances*, permanecem apenas nos registros (fotografias, vídeos, etc.) e estes tomam o seu lugar como agentes nos espaços expositivos.

A obra pode deixar de ser um objeto autônomo, resultado de um trabalho terminado, para se tornar um processo em desenvolvimento, inacabado por sua própria natureza (*work in progress*).

Arte Conceitual

A Arte Conceitual é aquela que considera a idéia, o conceito, como obra. O importante não é o resultado do processo artístico, mas o processo em si, a idéia que a obra encerra. Surgiu como vanguarda artística no final da década de 1960 na Europa e nos Estados Unidos. Esta é a época do movimento hippie, dos protestos contra a guerra do Vietnã e das grandes contestações sociais, como o feminismo, o homossexualismo e as questões ambientais. A arte buscava chocar, protestar, instigando o espectador a refletir sobre o papel da arte na sociedade e da arte como mercadoria.

A arte deixa de ser primordialmente visual, feita para ser olhada, e passa a ser considerada como idéia e pensamento, como objeto. As idéias de Marcel Duchamp foram de uma enorme importância para os artistas conceituais. Ao questionar a arte através de seus ready-mades Duchamp tornou-se o grande precursor da Arte Conceitual.

Já que as idéias são o mais importante para a arte conceitual, não há exigência de que a obra artística seja construída pelas mãos do artista. Ele pode, muitas vezes, delegar o trabalho físico para outra pessoa que tenha habilidade técnica. O que importa é a invenção da obra, o conceito, que é elaborado antes de sua materialização.

A arte conceitual utiliza diversas linguagens como a fotografia, o vídeo, e a própria linguagem verbal oral ou escrita, sendo muitas obras conceituais constituídas somente do texto linguístico.

Joseph Kosuth (*Ohio 1945)

Um importante artista da arte conceitual é Joseph Kosuth. Em sua instalação “Uma e três Cadeiras” ele expõe uma cadeira comum de madeira. Na parede do lado esquerdo da cadeira, ele cola uma fotografia dela em tamanho natural e do lado direito, o verbete do dicionário explicando o que é uma cadeira (substantivo feminino, assento com costas para uma pessoa, pode ser de palha, madeira, metal, plástico...).

O que Kosuth quer dizer com essa instalação é que o conceito é superior ao objeto em si ou sua representação imagética (a fotografia); já que o significado de uma cadeira abrange toda e qualquer cadeira no planeta e a cadeira “real” é apenas um exemplo individual do seu conceito. A fotografia representa apenas uma cadeira ou cadeiras de uma só espécie e simboliza a pintura na História da Arte. Desta forma Kosuth critica a representação da realidade na arte e coloca a questão do conceito em primeiro plano. Segundo ele: “Ser um artista hoje significa questionar a natureza da arte”. E esta é, em última instância, a principal idéia da arte conceitual.

NOVAS LINGUAGENS

Na arte da contemporaneidade, novas linguagens artísticas são desenvolvidas (instalação, vídeo-arte, vídeo-instalação, assemblage, performance, body-art, arte digital, etc.) de acordo com a incorporação das novas tecnologias e de novas formas de pensar. Vejamos mais detalhadamente algumas dessas novas linguagens:

Instalação

É a partir da década de 60 que o termo “instalação”, que até então significava a montagem (a instalação) de uma exposição, passa a nomear essa operação artística em que o espaço, o entorno, torna-se parte constituinte da obra. A instalação como linguagem artística se popularizou na década de 70, designando ambientes construídos e ocupados por objetos diversos, podendo estimular outros sentidos além da visão, como olfato, tato e audição.



Cildo Meirelles
Exposição *Arte/Cidade*, 1997, SP

“Os trilhos avançam através de uma área desativada e erma, cortando a cidade como uma chaga. Abandonados, deixados à margem da circulação, estes lugares são palco de uma ocupação provisória, de pessoas de passagem, em busca de esconderijo. Tornaram-se focos de tráfico e assaltos. Inscricões alertando forasteiros ou relatando cenas de agressão só acrescentam mais uma camada de violência às paredes. Ao cobrir as paredes do que restou de uma sala da Matarazzo com 7.000 seringas, Cildo Meirelles não está apenas aludindo às transações que se fazem por ali, mas amplificando o sofrimento que se afligiu aos lugares e às pessoas. As seringas, espetadas uma após a outra em paredes e pisos, formam um tapete que recobre tudo. A beleza resultante do líquido vermelho, destacado da parede, sangue e sublimação estética, é convulsiva”.

A instalação nos traz algumas questões, como:

Quando se trata de instalações no tempo/espço definido de um museu ou espaço público aberto, podemos nos perguntar sobre o que resta de uma obra quando for desmontada? Ou ainda: é legítimo remontar uma instalação em lugar diverso do proposto inicialmente e que transformações isto traria para a obra?

Performance

Assim com a instalação, a performance é um termo que muda de sentido ao se tornar uma linguagem artística das artes visuais. Os saraus futuristas e os eventos dadaístas e surrealistas são os precursores do que viria a ser nomeado na década de 70 como performance, incluindo os “hapennings”, as “ações” e a “body art”.

Performance é, então, uma forma de arte que pode combinar elementos do teatro, da música, da dança e das artes visuais. Situa-se no limite entre o teatro e as artes plásticas, onde o artista funciona como uma escultura viva, “interpretando” sua mensagem.



Marcia X, *Pancake*
Performance realizada em maio de 2001
Duração: 2 horas

Tipo de obra efêmera, a performance muitas vezes se perde no tempo pela inexistência de registros, mas como obra do instante ou do desenrolar de um processo pode, de certo modo, perdurar no tempo pela documentação fotográfica, por vídeos e filmes que perenizam o gesto fugaz.

Assim, para o espectador, a performance é sempre uma visualização da consciência do tempo e, mesmo que haja registros, as percepções táteis, corporais e manipulatórias são limitadas pelas imagens fotográficas ou videográficas. Essa associação com a fotografia e outras mídias eletrônicas traz mais uma questão na contemporaneidade:

Se vamos a um museu e vemos as fotos de uma performance realizada há alguns anos por um artista, que limites há entre obra e registro nesta situação, se este ocupa o lugar da obra e é a única forma de termos acesso à sua percepção? Essa “presença ausente” é o que caracteriza especialmente as performances, que dependem dos registros para se perpetuarem no tempo, contradizendo assim, sua própria estrutura fugaz. Mas a contradição não é um problema para a arte contemporânea, ela é, ao contrário, bem vinda, pois é parte da vida. A arte contemporânea suporta a coexistência de idéias e conceitos díspares, é parte de sua proposta a convivência com conceitos contraditórios, não havendo a necessidade de se optar por um ou outro para a legitimação de cada um.

Dois artistas que marcaram presença nas décadas de 60 e 70 no Brasil com propostas artísticas experimentais foram Lygia Clark e Hélio Oiticica.

Vídeoarte

Linguagem artística que faz uso das imagens eletrônicas, rompendo com os padrões estéticos estabelecidos pelas narrativas da televisão e do cinema. No Brasil, o início da vídeoarte data do princípio da década de 70, em plena ditadura, quando a ficção estava em alta na TV e a vídeoarte surge como uma linguagem de contracultura, desmascarando uma realidade sufocante.

Como exemplo citamos o ato do artista Paulo Herkenhoff de engolir páginas de jornal cujo texto fora adulterado pela censura vigente. Esta ação simbólica foi captada pela câmera em tempo real, sem cortes, em filmagem direta, onde as falhas são significativamente incorporadas à narrativa.

Arte eletrônica

O acesso dos artistas ao computador lhes deu a oportunidade de explorar as possibilidades dessa tecnologia como um meio de expressão, criando uma nova linguagem artística. O acesso dos artistas ao computador lhes deu a oportunidade de explorar as possibilidades dessa tecnologia. Com o início da internet na década de 90 surge o primeiro site que apresenta uma linguagem visual artística na web, ele se apropria dos códigos da Html e imagens, propõe a interação com o internauta, onde um link leva a uma outra composição imagética, num movimento automático, guiado ao acaso. A internet oferece ao artista o acesso a um público mais amplo e menos especializado.

A utilização diária do computador pela pessoa comum trouxe reflexões filosóficas sobre essa nova forma de estar no mundo. O conceito de Telepresença é um exemplo disso. Segundo Ronaldo Lemos: “Duas pessoas, uma em Nova York e outra em Tóquio se falavam pelo Skype. Quando terminaram a conversa nenhum deles desligou. O assunto acabou, mas eles resolveram não desligar. Então, um ouvia o outro abrindo um armário, espirrando do outro lado, teclando... A grande característica da internet é a nova relação temporal e espacial que se estabelece. A rede nos traz uma nova concepção de presença não corpórea, que nos dá a possibilidade, ou melhor, o poder de controlar o espaço, o tempo e o corpo. A telepresença reflete uma sociedade em rede e o caráter global das novas relações. Alguns trabalhos artísticos em meios como a internet exploram essa experiência presencial à distância.”

Seguindo este pensamento a arte dos novos meios seria uma resposta dos artistas à revolução das tecnologias da informação e a digitalização dos modelos culturais. A internet disponibiliza uma hiper-abundância de imagens, sons e textos, que aliados à dupla função Ctrl C - Ctrl V, abre possibilidades de novas apropriações e combinações.

É importante, porém, percebermos que as novas tecnologias são recursos, que podem ser utilizados para o desenvolvimento de linguagens artísticas. Mas a tecnologia não é arte por si só. Para uma tecnologia se tornar arte é preciso que esteja inserida no processo de desenvolvimento da

linguagem de um artista. Alguns sinônimos para esta nova tendência são: arte digital, arte eletrônica, arte multimídia, arte interativa, que se multiplicam em muitas possibilidades: software art, game art, Web art, internet art, site-specific.

Objetos Encontrados (Objet trouvé)

São objetos cotidianos colados em telas ou utilizados em assemblages ou instalações. A técnica foi inicialmente utilizada pelos cubistas, por volta de 1911, que incorporavam papéis impressos, palhas de encosto de cadeira, etc., em suas colagens.

O artista brasileiro Artur Bispo do Rosário (*Sergipe 1909 ou 1911, +Rio de Janeiro 1989) colava “objetos encontrados” numa superfície plana. Seu trabalho tem forte conteúdo autobiográfico. Por conta de sua doença mental ele foi interno da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro por mais de 50 anos, onde colecionou objetos utilizados no dia a dia do hospital psiquiátrico, utilizando-os em suas obras, como por exemplo, xícaras de alumínio já desgastadas pelo uso, coladas sobre uma placa de madeira. Numa outra assemblage Bispo colou vários chinelos usados sobre a madeira. Bispo também bordou mantos, que desenhava e escrevia com os fios que desfiava de seu próprio uniforme! Contava histórias de viagens (ele havia sido marinheiro), desenhava os navios, paisagens e pessoas.

Bispo deixou vasta obra que pode hoje ser vista em seu antigo quarto/atelier na própria Colônia Juliano Moreira e em museus no Brasil e no exterior.

Arte Ambiental (Land Art)

A Arte Ambiental é exposta ao ar livre, aproveitando o ambiente externo, das ruas e a natureza. O artista Walter de Maria realiza a obra “O Campo de Luz” em 1977. O artista colocou 100 pára-raios no deserto de Quemados no Novo México, EUA. A obra acontece nos dias de tempestade. Os espectadores têm que assinar um termo de responsabilidade, isentando o artista de culpa, caso sejam eletrocutados.

Além das instalações, das performances, da vídeoarte e da arte eletrônica, outras linguagens e outros termos surgem para definir novas poéticas, como *internet art*, *holografia*, *xerografia*, *vídeo-instalação*, *work in progress*, *site-specific*, etc. Pergunte a sua professora os significados destes termos ou pesquise sobre essas novas linguagens contemporâneas.

Os nomes vêm para designar as coisas e os fenômenos, logo, se estes se transformam e se ampliam, os nomes se transformam e se ampliam também. O importante é percebermos que as diversas técnicas ou as novas tecnologias são procedimentos que envolvem a utilização de materiais e recursos, sendo, portanto, **meios que podem ser utilizados para o desenvolvimento de linguagens artísticas**, mas não o são por si só. Para uma tecnologia se tornar uma linguagem artística é preciso que esteja inserida em um processo que envolve o desenvolvimento de uma linguagem. E este processo é de responsabilidade do artista. Os artistas estão sempre atentos aos novos meios e tecnologias que podem ser utilizados para que eles desenvolvam novas linguagens artísticas, são eles que fazem um simples objeto ou um material qualquer se transformar em uma obra de arte.

COMPARANDO A ARTE MODERNA COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

Agora vamos olhar comparativamente para os movimentos modernos e contemporâneos na arte:

- Se a obra moderna faz de seu objeto principal a materialidade da cor e da forma, a obra contemporânea faz de si mesma, um objeto, a arte-objeto.
- Se a Arte Moderna propõe uma revolução no universo das sensações e da forma, a Arte Contemporânea a propõe no campo das idéias, abrangendo esferas não artísticas como a política, o corpo, a sexualidade, a filosofia, a ética e demais interfaces estabelecidas pela produção cultural de nossos dias.
- Enquanto a Arte Moderna ressalta a autonomia da obra de arte, separando-a da vida real, a Contemporânea contextualiza a obra, aproximando-a da vida e do seu contexto social.
- Com a Arte Contemporânea o espectador está definitivamente banido do seu lugar de mero contemplador da arte; ele é intimado a participar, a pensar, a penetrar no universo de criação.
- A Arte Contemporânea extrapola os limites anteriores, criando novas e infinitas linguagens e meios expressivos para a arte.
- Enquanto a arte moderna nega a arte do passado, a arte contemporânea não acredita que o passado seja algo de que é preciso se libertar, ou que tudo tenha que ser completamente diferente. Ao contrário, pretende que o passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar.

Podemos concluir, a partir do que vimos acima, que são bastante complexas as transformações propostas tanto pela modernidade como pela contemporaneidade na arte. Mas é importante que percebamos que os movimentos nascem uns dos outros, se desenvolvem uns a partir dos outros e de seus contextos. E, é importante destacar, se revisitam continuamente. Como diz o historiador da arte Giulio Argan, “em arte há mudança, sem progresso”. O pensamento de Argan questiona o conceito de evolução linear associada à idéia de progresso. Ressalta o movimento de ir e vir dos movimentos artísticos, o aspecto cíclico e conseqüentemente interligado entre os diversos momentos da história da arte e seus movimentos estéticos e filosóficos. Por isso, você vai ver em algumas obras contemporâneas, citações ou reminiscências de obras modernas e acadêmicas, assim como vai ver também, em obras modernas, antecipações de aspectos encontrados na Arte Contemporânea. Mas é fundamental lembrarmos que, assim como a arte moderna não pode ser analisada sob o ponto de vista da arte acadêmica, a arte contemporânea não pode ser pensada, estudada e compreendida da mesma maneira que a arte moderna. Não podemos analisar um tipo de arte a partir de parâmetros de outro tipo de arte. Cada movimento artístico deve ser analisado de acordo com o seu contexto e a partir dele.

Concluindo, lembremos sempre que uma obra de arte não é um ponto final, que condensa concepções e preceitos, ela implica em um processo iniciador, ponto de partida para se repensar e refletir a arte e a vida.

Bibliografia:

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- BLISTENE, Bernard, *Une histoire de l'art du XX e siècle*, Paris, Centre Pompidou, 2000
- BUENO, Guilherme (curador). Folder da Exposição Coleção João Sattamini – apropriações, MAC, Niterói.
- CARDOSO, Rafael, *O Pop está morto?* In Revista BRAvo, maio de 2006, São Paulo, D'Avila Ediouro
- DANTO, Arthur C. A idéia de obra prima na arte contemporânea. In Glória Ferreira e Paulo Venâncio Filho(org.) *Arte& Ensaio* n.10. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ EBA, UFRJ, 2003.
- FREIRE, Cristina. *Arte Conceitual*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2006.
- FORSTER, H. “Subversive Signs” apud MENEZES, Marina P. Tese de mestrado: A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes. Rio de Janeiro, UERJ, 2007.
- OSTERWORLD, Tilman, *Pop Art*, Kohl, editora Taschen Verlag, 1974
- PROENÇA, Graça. *História da arte*. Editora Ática, São Paulo, 2001.
- STRICKLAND, Carol *Da Pré-História ao Pós Moderno* Rio de Janeiro, Ediouro, 2002
- VERGARA, L. Guilherme (diretor da divisão de arte educação do museu). Folder da Exposição Coleção João Sattamini.
- Catálogo da Mostra do Descobrimento – Arte Contemporânea, São Paulo, Fundação Bienal
- Apostila de Arte Contemporânea – Professora Gisela Vianna- Colégio Pedro II
- Instituto Itaú cultural *Enciclopédia de Artes Visuais* (<http://www.itaucultural.org.br>)